

Sobre Chapecó, Deus e Mad Max

Paulo Azevedo

PRÓLOGO _ Ser ateu pode ser a salvação

Não leiam, é pecado!

ATO I _ Deus convocado para o ringue (ou a tragédia de Chapecó e tantas outras)

Em terras de tanta gente ruim (tanta gente má, tanta gente que não é gente) passa a ser um exercício único não querer brigar com Deus a saber das suas intenções em levar daqui tantos bons e deixar as pestes libertas nos jardins da vizinhança. Talvez, o pleito que se anuncia seja convocá-lo a um desafio, um fórum, uma assembleia, uma ágora, uma PEC de cortes para superfaturamento de mau caratismo dos nossos semelhantes, isto é, um questionamento ou interrogatório às claras com o Senhor nas principais avenidas do país; pode ser na Paulista, na Maracanã, na Rio Branco, na rampa de acesso ao Planalto, na mais movimentada praça de Chapecó... Lugar e combinação das vestes para o combate não falta; o que falta é, ainda o entendimento, a busca por sentido das tragédias - derrotar Deus publicamente não traria de volta tais respostas. Então que tal adentrar no espaço do silêncio e fazer uma reflexão profunda sobre a perplexidade que nos assola todos os dias? Todavia, ao invés de enfrentamo-la com espadas, facões de tecidos revestidos de pele abraço, coração aberto, egos não aflorados, adiamos tal duelo e a fuga somente aumenta o vácuo da gente com a gente mesmo - sim, o combate não é com Deus, mas com os demônios que nos habitam e burlam nosso estado de ambição fazendo parecer que é estado de desejo.

ATO II _ Mad Max convocado a assumir (ou o drama da humanidade esperançosa)

Em dias ateus, citei dias porque, como diria meu mestre Roberto DaMatta, o ateísmo brasileiro é seletivo e basta um parente ou amigo passar mal que dizemos "se Deus quiser!" e "graças a Deus!". De qualquer modo, diria que em dias ateus quase voltei a acreditar em Deus. Pois, se não há justiça entre os homens, então só Deus mesmo. Ou seja, se a impunidade da barbárie permite o gozo pleno da afronta e liberdade naquele que fere e destroem vidas alheias, restando a esse último somente lidar com as perdas e sucumbir ao desencanto, pois o conforto parecerá mesmo estar no acreditar em algo fora do mundo dos homens? Mas, acontece que Deus cansou disso aqui e, por outro lado, ser ateu é pelo menos mais real e caberia apenas encontrar um Mad Max dando bobeira na rua e convidar para ser guardião de nossos interesses. Ou, bem como já dizia Dostoiévski se não há Deus, então tudo pode. A maior invenção do homem é Deus. A pior de Deus são os homens. Aliás, acrescentando: Deus é a melhor invenção dos homens para justificar suas fraquezas e prover a esperança, que nada mais é que uma segunda-feira com cãibra, como salvação. Um criador não é um ser social; reparem bem em Deus: ele nunca está aqui em carne e osso, o que temos são vibrações de sua performance; ou como bem já ressaltaram os melhores da teologia "somos Deus por participação"; mais que isso é pretensão e hipocrisia.

EPÍLOGO _ Educar para a sensibilidade *versus* tradição das paixões (ou a esperança não é verde)

Eu não queria escrever mais sobre isso, juro que não. E por que, então o redijo em epílogo? Talvez, a melhor resposta da motivação está na expressão de Celso Furtado, quando dizia que o trabalho do intelectual é captar aquilo que está na superfície da sociedade e transformá-la numa profunda reflexão; ou seja, "o intelectual inventa razões para viver". Não há como não se comover diante de um acidente aéreo de tal magnitude, o qual ocorreu com o clube da Chapecoense e os jornalistas envolvidos. Mas, eu quero

muito ir para além da comoção, ou ao menos buscar a compreensão de como a mesma pode traduzir muitas explicações que vão desde a tradição das paixões (que se faz componente forte dos valores de berço sul-americanos), passando pela subordinação da moeda midiática à sensibilidade pela dor do outro (que toma o mundo em devoção do ser caridoso, no sentido pleno da palavra). Estamos adestrados para ver a figura resultante dos eventos e não para as linhas e texturas do percurso e o jogo de forças que compõem essa mesma figura.

É importante me fazer entender e desse modo precisarei radicalizar tal conteúdo: não dá para pôr na conta de Deus a tragédia quando é o mundo dos homens que operam o céu. Mas, quando quem opera o céu é uma paixão (uma logística da paixão), tudo pode ruir e virar cinzas. Paixões são alegrias cegas. Como um espírito é educado para não aceitar ser 'pequeno' vindo da série D até a série A em tão tenro período de tempo e, na hora de poder ter o primeiro título internacional de sua história se contenta em voar numa empresa, cuja frota é de apenas um avião; e o dono da mesma seu piloto? Se essa informação, procede então ênfase: não, não pode! Entendemos que não foi fatalidade e nem mais talvez, perguntaremos a Deus por quê? Sabemos que houve uma sucessão de erros humanos (das paixões às operações sistêmicas); desde quem contrata a quem presta o serviço, também o espírito inflamado que pensa sempre na festa e não nas medidas que podem desmobiliza-la - o espetáculo se antecipa à vida, e é aí que a gente se dá mal, mas tão gentilmente justificamos na base cristã que eram os planos de Deus! Não, não é; Deus não quer matar ninguém; e se assim fossem esses seus planos, diria que todos vós que pregam Deus são hereges, pois o chamam de assassino; aliás um *serial killer* que, nesse caso, teria estudado cada vítima e planejado: "vou matar essa galera, antes deles se tornarem campeões"!

Fomos educados que o importante é participar e que quando alguém supostamente 'pequeno' chega bem mais longe que a escritura do estigma prescreveu, esse alguém já deveria se dar por satisfeito pelo que conseguiu ou alcançou - pequeno é o pilotis dessa

ideologia que nos ensina a ser dóceis e menos que podemos ser. Grosso modo: essa educação/tradição para, pelo e com o milagre, ainda vai matar tanta gente que poderia viver, ainda tanto - são vidas desperdiçadas e mesmo quando se tem a economia a seu favor (refiro-me ao valor do frete) somos, na leitura de Darcy Ribeiro, "um moinho de gastar gente". Nós, brasileiros estamos sempre no limite do verso de Guimarães Rosa, onde "viver é um rasgar-se e remendar-se". Mas, é preciso retomar a Furtado e lembrar que "quem supera a ignorância ganha graus de liberdade". Acho muito difícil que isso ocorresse, provavelmente, em países cuja tradição do educar se faz no operacional. Ou seja, a festa vem depois da logística; não antes - por exemplo, na Noruega, não ocorria, exceto a fatalidade de um pássaro dragão que quebrasse os vidros da aeronave, quando curiosamente voasse ali sem a permissão divina. Mas, não consigo imaginar uma empresa nórdica, alemã, americana... Que ousasse decolar com um avião, cujo risco de falta de combustível era aritmético. Eles não são educados para a sorte, mas para a matemática e, isso não os faz, necessariamente, insensíveis – portanto, também choram as perdas e reverenciam o que fez a torcida colombiana - um gesto de grandiosidade afetiva para fazer parte da história da poesia. Não, não se trata de um povo ser melhor que o outro, mas da educação que recebem em não aceitar ter menos do que o melhor que devem merecer para cada ocasião. Aqui nessa terra onde nasci, confundimos direito com favor e fé com esperança; mas a esperança como eu já apontei é uma segunda-feira imbecilizada e sem potência; a esperança aprendemos que não é verde como bem nos ensinaram. O daltonismo pode ser uma benção em dias de lágrimas; o pranto, não. Deus, olhai por estes que se foram e os que aqui ficam com tamanha ausência.

Paulo Azevedo é professor, doutor pela PUC-RJ em Ciências Sociais, escritor, daltônico e pai do Hiago, além de gestor do gesto ou coreógrafo. Recebeu alguns prêmios, entre eles "Rumos Educação, Cultura e Arte" (2008/10) pelo Instituto Itaú Cultural